
DOI: <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v6n1p122-130>

PARA QUE SERVE A HISTÓRIA? OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

WHAT IS HISTORY FOR? THE CHALLENGES OF THE TEACHING PRACTICE

Denise Maria Deodato Silva¹
Érica Vítório Domiciano Abreu²

Resumo: Este texto é dividido em duas partes, a primeira, feita em parceria, tem por objetivo refletir sobre a constituição da história enquanto disciplina, seus usos e objetivos. Para tanto nos apoiaremos nas contribuições de Cerri (1999), Monteiro (2007) e Albuquerque Júnior (2016). Na segunda parte, apresentamos uma prática pedagógica desenvolvida com alunos do sétimo ano de uma escola particular do subúrbio do Rio de Janeiro - RJ, na qual uma das autoras atuou como professora de História, que tinha o objetivo de propor caminhos para que os alunos pudessem vivenciar novas formas de pensar e imaginar outras temporalidades.

Palavras-chaves: Ensino de História. Educação. Ensino.

Abstract: This text is divided into two parts, the first, done in partnership, aims to reflect on the constitution of history as a discipline, its uses and objectives. For this, we will rely on the contributions of Cerri (1999), Monteiro (2007) and Albuquerque Junior (2016). In the second part, we present a pedagogical practice developed with students in the seventh year of a private school in the suburb of Rio de Janeiro - RJ, in which one of the authors acted as a History teacher, whose objective was to propose ways for students to experience new ways of thinking and imagining other temporalities.

Keywords: History Teaching. Education. Teaching.

¹ Mestranda em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGEH/UFRJ) e Pós-Graduanda em Saberes e Práticas da Educação Básica com ênfase em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ). Graduada no curso de Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Gama Filho (2005). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de História e Formação de Professores (GEHPROF), coordenado pela Prof^a Dr^a Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação museal: conceitos, história e políticas (GPEM), coordenado pela prof^a Dr^a Fernanda Santana Rabello de Castro, do Museu Histórico Nacional.

² Pós-graduanda em Saberes e Práticas da Educação Básica com ênfase em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ). Pós-graduanda em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Graduada no curso de Licenciatura em História pela Unisum em 2007.

*PARA QUE SERVE A HISTÓRIA? OS
DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE*

*Denise Maria Deodato Silva
Érica Vítório Domiciano Abreu*

Recebido em: 15/10/2021
Aceito para publicação em: 08/11/2021

1 INTRODUÇÃO

“*Papai, então me explica para que serve a história.*’ Assim um garoto, de quem gosto muito, interrogava há poucos anos um pai historiador. (...) Decerto, mesmo que a história fosse julgada incapaz de outros serviços, restaria dizer, a seu favor, que ela entretém. (...) Pessoalmente, do mais remoto que me lembre, ela sempre me pareceu divertida.” (BLOCH, 2001, p. 41-43).

Para que serve a história? A pergunta, aparentemente simples, que o filho de Marc Bloch formulou a seu pai historiador, é ouvida cotidianamente por inúmeros professores que se dedicam ao estudo e ao ensino desta disciplina. Justificar sua relevância, especialmente em um contexto caracterizado pelo negacionismo, em que o conhecimento científico é relativizado e a disseminação de *fake news* se torna cada vez mais comum, é uma tarefa que se faz cada vez mais necessária e urgente.

Hoje poderíamos dizer que o ensino de história serve para relativizar o conceito de verdade, desvendar pontos de vista, confrontar ideias e desnaturalizar fenômenos sociais. Em síntese, poderíamos defender que ele nos permite ampliar a nossa compreensão sobre o mundo e nos possibilita pensar em novas formas de nos posicionar diante dele, mas dizer apenas isso não é suficiente.

É preciso que sejamos capazes de dialogar com nossos alunos, de construir com eles um conhecimento histórico que não se justifique pelo passado em si, mas que se constitua a partir das demandas do nosso tempo, para que eles sejam capazes de questionar, por exemplo, o que é racismo, homofobia e feminicídio? Por que esses fenômenos existem em nossa sociedade? Por que existem tantos conflitos e tantas guerras? Por que observamos no mundo tão grande desigualdade social? A história pode ser uma importante ferramenta para que os nossos alunos percebam o caminho que percorremos, enquanto sociedade, e para que juntos sejamos capazes de construir um mundo melhor, mais justo e igualitário.

As dificuldades em alcançar esses objetivos passam por várias instâncias, entre as quais podemos citar os métodos através dos quais a História é ensinada aos estudantes, baseados em uma concepção de ensino tradicional que apresenta

aos alunos uma disciplina estática, linear e cronológica, para a qual seria suficiente apenas a “decoreba”; os modos de formação aos quais os professores têm sido submetidos; e uma crise social mais ampla, manifestada no cotidiano e materializada no descompasso entre as expectativas dos professores e dos alunos.

2 POR QUE ESTUDAR E ENSINAR HISTÓRIA?

A constituição da história, enquanto disciplina ensinável, esteve ligada a objetivos que se alteraram substancialmente ao longo do tempo. Criada no século XIX, essa disciplina, segundo Luis Fernando Cerri (1999), foi utilizada para estabelecer a hegemonia burguesa, com objetivo de alcançar um consenso social em que fosse justificado o poder desta classe e de seus aliados. Nesse contexto, a história era tida como uma disciplina capaz de estabelecer uma identidade única e nacional, sobre todas as outras, “que homogeneíza, cultural e juridicamente os cidadãos, a partir de um passado comum, que, via de regra é inventado”. Dentro desse contexto, a história pode ser considerada um instrumento de unificação ideológica capaz de igualar o estatuto de todos os homens, convertendo-os de súditos a cidadãos (CERRI, 1999, p. 138-139).

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2016), a história na era moderna, tal como na Antiguidade, continua visando educar e moralizar. No entanto, a ênfase de suas ações recai para a questão da formação de cidadãos “que não habitam nem são representantes ou dirigentes políticos de cidades, mas de nações”. Nesse contexto, a história passa a ser a história nacional, a história dos grandes feitos, fatos e homens. A história colabora assim, para a construção do cidadão patriota “aquele que ama a sua nação, que dela tem orgulho por tudo de glorioso que fez ou representou no passado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 25).

Essa perspectiva se alterou significativamente nas últimas décadas devido, em grande parte, à influência do movimento dos Annales e de sua defesa por um estudo do passado que não faz sentido em si mesmo e que não esteja

desconectado do contemporâneo. Sobre esse assunto, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2016, p. 30) defende que o passado está sujeito a “constante reelaboração de sua inteligibilidade a partir das questões que lhe são formuladas a partir das preocupações, das condições históricas do presente em que é interrogado, estudado, analisado e ensinado”. Na opinião do autor, uma das funções sociais da história é construir o passado, dotando a sociedade de uma visão de tempo que vá além daquilo que se define e se pensa como presente. Segundo o autor:

A história serve para que possamos realizar, no plano do conhecimento, do pensamento, do imaginário, da memória, aquilo que não podemos fazer no plano da realidade e da empiria: sair do presente, ausentar-nos desta temporalidade que nos cerca, olhar este tempo de fora e ter com ele uma relação de distanciamento, de estranhamento, ter, dele, uma visão perspectiva (...). A história possui assim, essa função lúdica de brincarmos de sair do presente, de tentarmos imaginar como viviam, como sentiam, como pensavam os homens e mulheres do passado. . (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 30-31).

Essa perspectiva também é defendida por Cerri. Segundo o autor, a História nos possibilita, “pelo exemplo de outros lugares e outras épocas, colocar o nosso sistema e os nossos valores sob discussão, para que o aluno perceba por si mesmo as limitações e os interesses envolvidos na montagem das estruturas que regem o nosso cotidiano” (CERRI, 1999, p. 142).

No que se refere especificamente ao ensino, o autor defende que a história, enquanto disciplina, serve para que os homens possam pensar historicamente, colaborando na formação de identidades e no reconhecimento de que todos somos sujeitos históricos e, como tal, estamos “presos” às possibilidades e limitações de ação do nosso próprio tempo. Ainda segundo o autor, o seu ensino serve para “contribuir para que os educados contribuam para a tão difícil e utópica construção da felicidade humana” (CERRI, 1999, p. 142).

Essa percepção também é compartilhada por Ana Maria Monteiro. Segundo a autora, o ensino de História “contribui para auxiliar os alunos a compreender a

historicidade da vida social, superando visões imediatistas, fatalistas, que naturalizam o social”, cabendo aos professores de História, nesse contexto, a difícil, mas necessária tarefa de buscar alternativas para ao seu enfrentamento. (MONTEIRO, 2007, p. 11)

3 COMO TORNAR O ENSINO DE HISTÓRIA MAIS SIGNIFICATIVO E PRAZEROSO? REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

De forma a tornar o ensino de história mais significativo e prazeroso e de buscar alternativas a práticas e métodos centrados em aulas expositivas em que o livro é a principal ferramenta pedagógica, foi proposto aos alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental II, uma atividade educativa relacionada a unidade temática: “O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias”, objeto de conhecimento: “A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História”, através das habilidades: (EF07HI01) Explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia; e (EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico (BNCC, 2017, p. 422-423).

A atividade proposta consiste em três etapas. Inicialmente solicitou-se que os alunos pesquisassem: o que são especiarias? Quais os seus principais tipos? Como poderiam ser utilizadas? Qual a sua origem? Como eram adquiridas? Como eram transportadas e comercializadas? Qual a sua importância no contexto das Grandes Navegações?

Após esse primeiro momento era solicitado que os alunos se dividissem em grupos, que adquirissem algumas especiarias (canela, cravo, noz-moscada, pimenta e gengibre) e as levassem para a escola, Durante a atividade nós ressaltávamos a importância que esses ingredientes possuíam no contexto das Grandes

Navegações, a importância que possuem agora, dialogávamos sobre a forma como esses produtos eram adquiridos no século XV/XVI e a forma como eles podem ser adquiridos agora, propondo um deslocamento de temporalidades.

Em aula, parte desses ingredientes era guardada e parte era manipulada pelos alunos, que a partir desse contato poderiam conhecer suas diferentes formas, cores, aromas e texturas, e poderiam compartilhar com os colegas de outras turmas o que aprenderam sobre cada um desses elementos. Nesse momento, os alunos não faziam uso de memorização e compartilhavam com os colegas o resultado de suas pesquisas e das conversas que havíamos tido em aula.

A terceira etapa desta atividade, realizada na quadra da escola, consistia em produzir coletivamente alguns biscoitos de especiarias³. Nesse momento, os alunos literalmente colocavam a mão na massa e depois provavam os ingredientes que eles mesmos haviam escolhido.

A partir dessa atividade lúdica era possível fazer com que os alunos provassem de um tempo que nunca experimentaram e realizassem a experiência de sair da sua própria temporalidade “para dar um passeio por paisagens e tempos, cenários e cenas, personagens e pessoas que constituíram e habitaram outros tempos”. Sobre esse assunto, Durval Muniz Albuquerque Júnior nos lembra que:

A aula de História, como o romance histórico, como o filme baseado em fatos reais, como o videogame de temática histórica, deve permitir a experiência fascinante de saída do tempo, de abandono do seu regime de historicidade, de temporalidade, para experimentar outros regimes de historicidade e de temporalidade. A saída imaginária do presente, que um texto ou uma aula de História proporciona, permite que se tome distância em relação ao presente. (...) O aprendizado da variedade e da diversidade humanas no tempo é uma tarefa precípua do professor de História, que está na escola não apenas para ensinar dado conteúdo, cumprir um currículo: a finalidade precípua do ensino de História é a formação de valores, a produção de subjetividades (...) (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 26).

Esta atividade foi criada a partir de uma reflexão sobre a prática docente em história e representa um esforço em propor alternativas ao dito “ensino tradicional” e

³ A receita com os ingredientes completos encontra-se disponível em: <https://www.aquinacozinha.com/biscoito-de-especiarias/>. Acesso em: 29 ago. 2021. Revista Lex Cult, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 122-130, jan./abr. 2022.

linear, cuja principal ferramenta pedagógica, a despeito de inúmeras críticas, continua sendo o livro didático. Consideramos que, através desta proposta possamos em algum nível alcançar o deslocamento de temporalidades, defendido por Durval Muniz, em que professores e alunos possam construir aulas mais dinâmicas e profícuas, que tornam o ensino de História mais lúdico, aprazível e significativo e por que não, como dito por Marc Bloch, mais divertido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto professoras da rede particular de ensino do Rio de Janeiro, sabemos que a implementação de atividades como essa requer um tempo de planejamento e de implementação que muitos professores em seu cotidiano não são capazes de dispor. Isso se deve a múltiplos fatores, dentre os quais podemos citar, falta de infraestrutura, de recursos materiais de motivação e de apoio.

Muitas instituições de ensino, especialmente no caso das escolas particulares, ainda centram-se excessivamente na utilização de livros didáticos e concedem pouco ou nenhum espaço para o desenvolvimento de atividades que alcançam outros objetivos e espaços que não “tirar” boas notas e ficar dentro de sala. As escolas tradicionais, fechadas em si mesmas, muitas vezes se engessam em seus próprios métodos e colaboram para o que o ensino se torne desmotivador, chato e sem sentido.

Dentro de um contexto tão desanimador, como o vivenciado atualmente em nosso país, em que os níveis de desvalorização da escola e dos profissionais da educação alcançam patamares cada vez mais alarmantes, cabe a nós, docentes, o enorme desafio de oferecer resistência a tudo que nos diminui e nos limita, refletindo cada vez mais sobre a nossa prática, investindo na nossa qualificação profissional e propondo novas e mais significativas formas de ensinar e de aprender.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. Regimes de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História. *In*: GABRIEL, Carmen Teresa; MONTEIRO, Ana Maria; MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim (org.). **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. p. 21- 42.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CERRI, Luis Fernando. Os objetivos do Ensino de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 5, p. 137-146, out. 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12442/10931>. Acesso em: 15 maio 2021.

MONTEIRO, Ana Maria. Por que estudar História? Por que estudar o passado, se o importante é o presente? *In*: **Professores de história entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.